



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

FAED
Centro de Ciências
Humanas e da Educação



DCH
Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel



Notícias Relacionadas ao Livro:

REDE

Organização e digitalização:

Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai Jordanou, Jonathan Rodrigues

Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Número	Referência
001	RÊDE. A Verdade . Florianópolis, 02 de jan.1 de 1956.
002	FREITAS, Geraldo de. No mundo dos Livros. O Cruzeiro . Gaspar, 07 abr. de 1956.
003	SALIM Miguel: Rêde, edições do Sul – Florianópolis. Atualidades . Moçambique, jan. de 1956, p. 1
004	ABREU JUNIOR, F. Campos. RÊDE (Salim Miguel). Stilus . Campinas, set. de 1956, v. 2, ano 1.
005	LEITE, José Roberto Teixeira. Livros em desfile. Revista da Semana . Rio de Janeiro, n. 45, ano 57, 10 de nov. de 1956.
006	MARTINS, Wilson Últimos Livros: mais ficcionistas. Estado de São Paulo . São Paulo, 26 de abr. de 1956, p. 10.
007	BRANDÃO, Arnaldo. Livros. O Cooperador . Rio de Janeiro, v. 2, ano 73, set. de 1956, p. 4.
008	SIMÕES JUNIOR, Antonio. El realismo social em la última obra de Salim Miguel. Revista Veladas . Buenos Aires, mar. de 1957, p. 81.
009	
010	
011	NUNES, Aníbal. Literatura Catarinense. A Gazeta . Florianópolis, 23 out. de [1956]
012	MOURA, Clóvis. Romance de pescadores. Notícias de Hoje . São Paulo, 12 de fev. de 1956.
013	COUTINHO, Moura. A propósito de "Rêde": romance de Salim Miguel. O Brado Africano . Maputo, 3 de mar. de 1956
014	PEREIRA, Maura de Senna. Nós e o mundo: Rêde. Gazeta de Notícias . Rio de Janeiro, 19 ago. de 1956.
015	JUNKES, Lauro. Livros & Cultura 9: Salim Miguel (4), Rede - Um Romance. A Gazeta . Florianópolis, 03 de mar. de 1979.
016	BOLETIM Bibliográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, [195-]
	PRESENÇA da Província. Boletim da Biblioteca do Exército , Rio de Janeiro, ano 17, n.23, out. de 1956.

A Rêde

DIM
le de
la a
le 30
do 4
er.
en-
Bos.
esmo

A aparição de RÊDE, romance de SALIM MIGUEL, significa para os catarinenses, principalmente, para aqueles que amam a literatura um marco na arte de escrever em nossa terra. Sim, porque trata-se de um romance essencialmente humano que reproduz, profundamente, os dramas duma sociedade pequena em sua extensão, porém, ampla e maciça no seu conteúdo. O sabôr do tema que abraça o autor é amargo, tem gôsto de fel. Tal qual como vive a própria vila, na qual se desenrola o romance, lutando contra tôdas as dificuldades materiais em busca de uma vida melhor e mais digna de um ser humano. O autor não transgride sequer as verdades sociais que os personagens atravessam e lutam. Os conduz de uma maneira verossimil e real, sem concessões e sem artifícios literários. RÊDE é um espêlho fiel de um campo de batalha, na qual uma população pacífica, valente e esperançosa, luta pela sua sobrevivência. SALIM MIGUEL descreve muito bem num estilo puramente lírico, a melancolia de uma povoação, cheia de angústias e tristezas.

REDE é apresentado como uma EDIÇÃO SUL e distribuída pela LIVRARIA ANITA GARIBALDI LTDA., à Praça XV de Novembro, 27. Lemos, gostamos e recomendamos.

A Verdade - Fides,
2-1-56

No Mundo dos Livros

GERALDO DE FREITAS

GUIMARÃES ROSA, CONTADOR DE ESTÓRIAS

Ao receber a 4.^a edição de SAGARANA, de Guimarães Rosa, em 1956, não pudemos conter a curiosidade, e fomos apanhar a primeira edição, aparecida pela mão modesta de um jovem editor, em 1946. Quanta diferença no aspecto gráfico e quanta diferença no texto! O escritor apresenta a 4.^a edição como definitiva, depois de tê-la submetido a um tratamento literário dos maiores já verificados com qualquer outro livro brasileiro de importância em todos os tempos. Lemos também as ligeiras referências que fizemos então ao livro. E com indizível prazer não precisamos modificar nada nas palavras que então dedicamos ao aparecimento do livro que se tornaria famoso nas letras brasileiras. SAGARANA, que a Livraria José Olímpio apresenta agora, é obra de ficção das mais importantes para o nosso patrimônio cultural e é o verdadeiro impulso criador que o movimento modernista de 1922 não conseguiu fixar senão de leve em poucos livros. Núcleo e seiva, SAGARANA não podia ficar na glória, como monumento único da mais pujante e mais bela página literária brasileira moderna. Tinha que estender sua presença poética, o tumulto de suas tempestuosas revelações em um livro do mesmo fôlego e de maior arrôjo: CORPO DE BAILE, sete novelas em dois volumes, com capa de Poty, em edição da Livraria José Olímpio. Aí temos o escritor comungando com sua terra e com sua gente através do mais bem trabalhado instrumento de comunicação entre o artista e o povo: a sua linguagem poética, a voz simples, rude e direta do homem da roça ou do homem da cidade, numa captação dos valores reais do meio e da raça. CORPO DE BAILE é, sem dúvida, um livro insuperável. Não que seja uma jóia, com todos os labores do artesanato, com todos os inesperados da criação original, com todos os coloridos que somente os artistas conscientes sabem aproveitar e variar. Esse livro transmite ao leitor o calor de um apêto de mão amiga, com as mesmas emoções íntimas que irrompem nas horas de desprendimento e de felicidade. Somente o amor, a comunhão com a terra e com os seres, os vivos, os que podem amar e odiar ou os animais e mesmo as árvores, e até as pedras, conseguem inspirar um artista e lhe possibilitar essa riqueza de temas, de caminhos e de soluções, como acontece com Guimarães Rosa. CORPO DE BAILE é livro para uma primeira leitura rápida, a fim de não se perder a magia de suas frases, as surpresas de suas histórias, a abundância de seu estilo, a efervescência de suas clareias e de seus caminhos, de seus campos sonoros e de suas montanhas que falam, de suas matas, rios e gente se mexendo como se um mundo estivesse sendo criado à nossa própria vista. Depois, então, dêse choque emocional, o leitor recuperado, pode folhear os dois volumes calmamente, sem rumo, abrindo aqui e ali, para ir pegando uma a uma, já não mais em conjunto, as riquezas do mundo surpreendente: uma flor, uma pedra, um pássaro, um menino, um sorriso, uma dor, um murmúrio, uma voz ou um canto, uma lágrima, uma palavra, que aí, na palavra, Guimarães Rosa concentra como demiurgo, as magias de sua força criadora. Ele não reflete como o brilhante frio as cores do arco-íris: ele deslumbra como os olhos espantados de uma criança, com todos os mistérios e todas as realidades do mundo, vivos e em eterna combustão. Como o mural de Portinari "Guerra e Paz", CORPO DE BAILE ocupa um espaço descomunal na ficção brasileira.

BIBLIOGRAFIA

OS MAIS BELOS SONETOS BRASILEIROS — Edgard de Rezende — Livraria Freitas Bastos — Rio — 3.^a edição — Seleção e notas do organizador — A aceitação dessa coletânea justificaria um maior cuidado material do livro, que, apesar de bem composto e em bom papel, se desfaz depois de algumas leituras, soltando-se os cadernos e despregando a capa.

CAMINHOS DO INFINITO — Faustino Nascimento — Livraria Freitas Bastos — Quem leu os livros anteriores de Faustino Nascimento encontra em seus novos trabalhos o mesmo prazer intelectual que seus versos despertam, quer nos poemas soltos, nos sonetos ou nas composições de mais fôlego, como em "As Bandeiras".

TEI DA LUZ — Filgueiras Lima — Livraria Freitas Bastos — Um poeta canta as púrias, as lutas e os sofrimentos de sua terra natal, o Ceará, em poemas de vibrante lirismo e emoção.

FOLHAS DE POESIA — Publicação do "Clube dos XII" — Ano I, n. III — Rio — Como nos números anteriores este folheto contém poesias dos mais expressivos representantes da nova geração de poetas brasileiros.

HISTÓRIA DOS HEBREUS — Flávio Josefo — Vol. I — A Editora das Américas.

cas lançou o primeiro volume da coleção de 7, da História dos Hebreus, de Flávio Josefo, que assistiu ao fim de seu povo como nação, diante dos romanos, comandado por Vespasiano, pouco depois da morte de Jesus. Esse é um novo empreendimento editorial de grande vulto da Editora das Américas.

HISTÓRIA NATURAL — Marcel Beerens, editor — Rio — Depois de lançar com sucesso um DICIONÁRIO COLORIDO e uma PEQUENA MODISTA, Marcel Beerens lançou em cores uma HISTÓRIA NATURAL, destinada às crianças.

OBRAS COMPLETAS DE SHAKESPEARE — Vinte e dois volumes formam as Obras Completas de Shakespeare, todos do mesmo tamanho, em edição da Melhoramentos. Ilustrados por John Gilbert, são traduzidos por Carlos Alberto Nunes de maneira perfeita. De cada peça ele dá explicações pormenorizadas, de jeito que o leitor penetra na alma do genial dramaturgo inglês. Acabam de sair do prelo mais dois tomos, os de números X e XI. Naquele estão duas tragédias: "Tróilo e Cressida" e "Timão de Atenas"; neste, igualmente duas: "Coriolano" e "Macbeth".

"200 RECEITAS RELAMPAGO" — Sinha Moça — Sugestões para molhos, entradas, peixes, sobremesas, "hors-d'oeuvre", carnes, saladas, como aproveitar as sobras, pratos a preparar com antecedência, cardápios à minuta, refeições finas que se improvisam em meia hora... Um índice alfabético facilita muito a consulta às "200 receitas relâmpagos", livrinho da série "Obras para o lar", das Edições Melhoramentos.

A ESTÉTICA — Denis Huisman — Difusora Européia do Livro — Essa é uma excelente contribuição para o conhecimento da filosofia da Arte, tomando em conta os dados mais recentes das pesquisas literárias.

O HOMEM E SUA HORA — Mário Faustino — Livros de Portugal — Poemas — Comece a ler este poema e chegue até o último verso. E gostará.

RÊDE — Salim Miguel — Edição Sul-Florianópolis — A descrição de uma colônia de pescadores, da terra e do homem, feita com agudeza e profundo senso de observação.

Edições O CRUZEIRO

MEMÓRIAS DE UM PILOTO DE LINHA — C. Luis Tenan — Os velhos tempos da Aviação Naval e o surto da aviação civil no Brasil são contados por um pioneiro e constante lutador, neste livro.

NO FOGO DO CONSELHO — Mons. Bernardino Adrião de Carvalho — Conferências pronunciadas em acampamentos escoteiros, definindo a sua rica contribuição para fortalecimento da moral dos jovens.

O CRUZEIRO, 7 de abril de 1956

**Salim Miguel – «REDE» – Edições Sul-
-Florianópolis**

O vigoroso e *jovem* escritor brasileiro que é Salim Miguel, honra inteiramente a missão a que se propôs, de trazer para o palco da literatura séria, a tragi-comédia da vida dos nossos dias, com os méritos e misérias de sempre. Em «REDE» é Salim Miguel um expoente de filosofia e de crítica das pequenas sociedades, escarpelizando pôdres e vícios, pondo a nú, estoicismos e virtudes de humildes lutadores da incerteza — que é a lotaria crónica dos pobres. Vila de Ganchos é uma das muitas *Vilas da miséria* de toda a parte e dos nossos dias. A história é urdida com tacto e ineditismo. Não é uma vulgar repetição ou cópia. Tem sumo. Tem ainda o mérito de deixar o leitor «au suspense», na avidez de querer saber o resto... Por exemplo: o que acontece à professora; se a Lurdes casa com o Godofredo; qual a «revanche» dos homens das lanchas modernas a motor... serve-se assim de um moderno processo posto nos lances teatrais à Pirandello, com notável êxito: o corte. Entretanto promete... continuar, e ainda bem. E' ainda curiosa a maneira do relato: Terça-feira... umas tantas páginas, quarta-feira, idem... até nova Terça-Feira, na qual finda a descrição.

E' pois e especialmente uma obra, *nova*. E *útil*. Os nossos parabéns.

**Pires Moreira e Narino de Campos — «Re-
solva os seus Problemas Religiosos» — I vol.**

Os reverendos Dr. Pires Moreira e Narino de Campos, no bom propósito de esclarecerem os leigos, continuam a dar-nos excelentes páginas de apologética e crítica religiosa, com a apresentação do 2.º volume de «Resolva os seus problemas religiosos» e o qual desta vez é dedicado ao antigo jornalista e prestigioso missionário, Rev. Cónego Boavida, Superior da Malaísse.

A exposição, constituída por respostas a variados quesitos, é feita com propriedade à qual não é estranho um notório cunho de erudição. E' acompanhada de elementos probatórios de isenção de carácter e do cumprimento dos preceitos canónicos, postos em dúvida somente por um ou dois cretinos conhecidos, fautores do distúrbio de boas vontades e em abono de interesses próprios, *sabe-o toda a gente*, assim que a Religião se prestigia, com tais livros.

Cumpre-nos felicitar os autores, parafraseando Frei Francisco Rendeiro, ilustre Bispo Coadjutor do Algarve, no expendido em ante-rosto da Obra... «Mantenham-se os autores pela sua vida fora fiéis aos princípios que adoptaram (...) e terão satisfeito uma das grandes necessidades da pregação moderna.»

E' isto mesmo que convirá aos católicos: *Mestres sérios*. Tudo o mais, há-de passar.

3
Atua lidade
moçambique - janeiro 1956

RÊDE (Salim Miguel)

Recebemos do intelectual catarinense, Salim Miguel, seu último romance, já encontrado nas livrarias, «Rêde». Com interessante capa de Edgar Koetz e editado por «Edições Sul», o novo romance constitui, além do mais, curioso documentário relativo à vida e aos costumes dos pescadores dos mares de Santa Catarina.

SUL (Revista)

Ainda pela gentileza de Salim Miguel, recebemos os números 26 e 27 da revista «Sul», pertencente ao «Círculo de Arte Moderna» de Florianópolis. «Sul» tem como diretores, Aníbal Nunes Pires e Salim Miguel.

F. CAMPOS ABREU JUNIOR

Stilus

Campinas - ano 1 - v. 2
Set. 556

Livros em desfile

C O T A Ç Ã O : — * ruim; ** medíocre;
*** regular; **** bom; ***** muito bom

RECEBEMOS OS números 26 e 27 da revista catarinense *SUL*, editada pelo *Círculo de Arte Moderna de Florianópolis*, e dirigida por Anibal Nunes Pires e Salim Miguel. A revista contém colaboração variada de jovens escritores catarinenses. Nela, porém, não nos seduz a apresentação gráfica, embora reconheçamos as dificuldades com que devem lutar seus jovens orientadores, para que apareça com regularidade. A revista *SUL* já está em seu nono ano de vida — o que prova a *têmpera* de seus proprietários, e a aceitação que vem tendo nos meios culturais.

TAMBÉM ACABAMOS de receber o número 7 de "*Literatura Soviética*", editada em Moscou, no idioma espanhol, e dirigida por D. D. Erionin. Traz novelas, ensaios, depoimentos, etc. Entre os ensaios figuram trabalhos sobre Shaw, literatura armênia contemporânea, tradução das tragédias de Shakespeare, e sobretudo uma análise bastante interessante da obra de Hemingway — "*El triunfo de la Vida*", por I. Kashkin —, em que se fazem severas restrições a "*O Velho e o Mar*".

REDE, ROMANCE de Salim Miguel, focaliza a vida dos pescadores do litoral catarinense. Seu autor é contista dos melhores de sua geração, em Santa Catarina. Seu romance, porém, ainda fica deixando muito o que desejar, como realização artística. A história está eivada de lugares-comuns, que muito a prejudicam. Cumpre também assinalar a má apresentação gráfica do livro, composto em quase trezentas páginas, em um corpo 8 diminuto e nada convidativo à leitura. A prolixidade é defeito mortal em qualquer obra literária, e sobre tema paralelo, Ernest Hemingway conseguiu escrever uma obra-prima — e em somente cem páginas. Salim Miguel deve meditar na inconveniência dos textos quilométricos, numa época que vê, finalmente, a vitória da Imagem sobre a palavra escrita. Como documentário, porém, seu livro é precioso (Edições Sul, Florianópolis, 1955. Capa de Edgar Koetz. 291 páginas. Cotação: ***).

NOVE HISTÓRIAS REUNIDAS — de Harry Laus, A. J. Figueiredo, Lucia Benedetti, M. Cavalcanti Proença, Xavier Placer, Rubens Mario Jobim e Umberto Peregrino — é mais uma edição da Biblioteca do Exército, que prossegue em suas atividades editoriais com ímpeto e decisão. São contos tendo por motivo a vida de caserna, a guerra, a psicologia de um chefe, a própria Escola Militar. Notícias biográficas dos autores precedem cada relato. Esse é dos bons lançamentos da Biblioteca do Exército, sem dúvida alguma (B. E. E., Rio de Janeiro, 1956. Capa de Luiz Canabrava. 198 páginas. Cotação: ****).

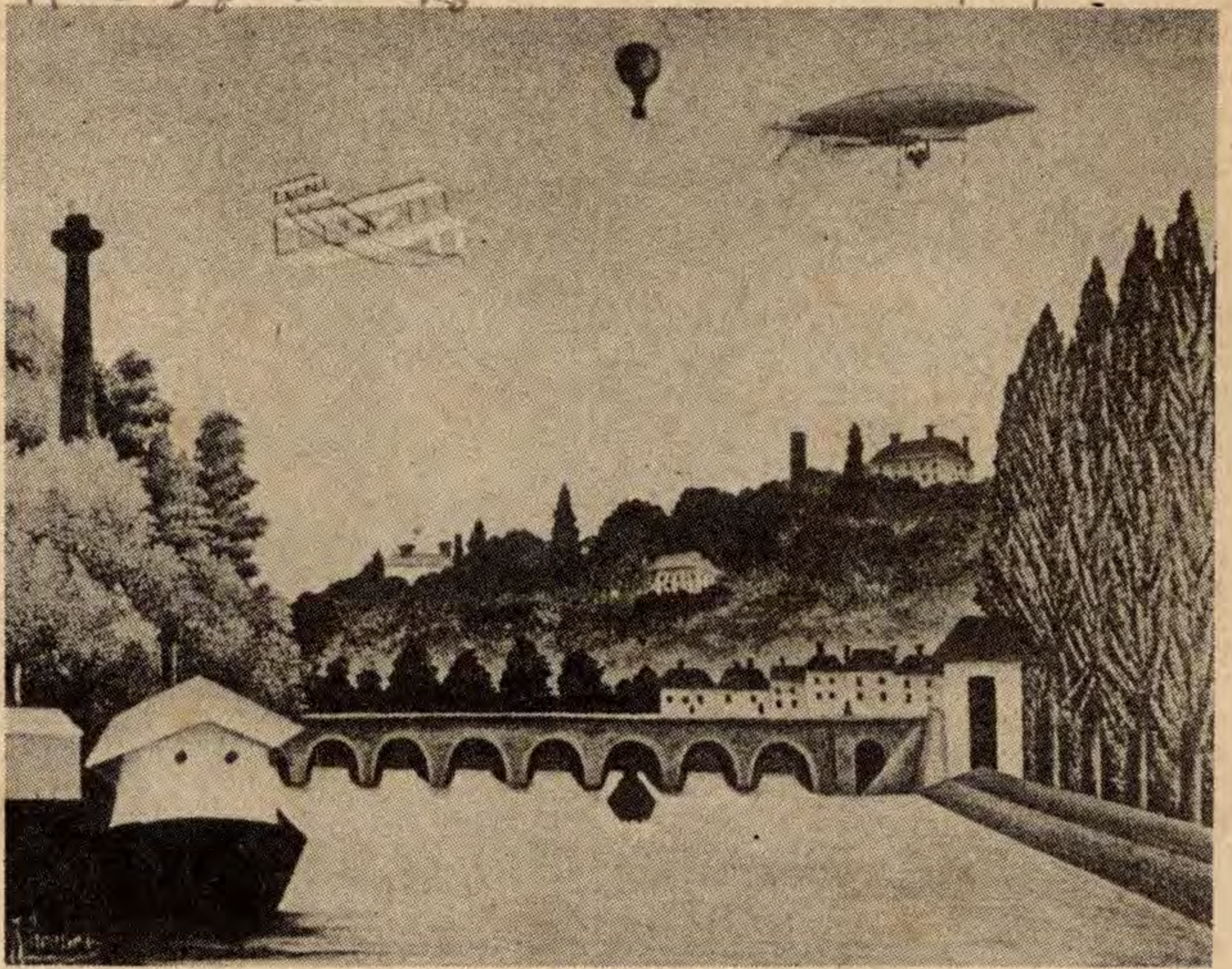
TAMBÉM EDIÇÃO da Biblioteca do Exército é o livro de Eduardo Tourinho, "*Retratos Brasileiros*" — série de artigos curtos porém elucidativos sobre grandes vultos de nossa História Política e Literária, de todos os tempos (B. E. E., Rio de Janeiro, 1956. Cotação: ***).

A. DA SILVA MELLO de há muito notabilizou-se como autor de algumas das melhores obras científicas entre nós publicadas, no campo da medicina. Seu livro "*Alimentação, Instinto e Cultura*" é ímpar, em seu gênero. E agora mesmo acaba de sair nova edição de "*O Homem — sua vida, sua educação, sua felicidade*", enorme esforço de síntese de toda a vida humana, desde seus fundamentos biológicos até seus mais recônditos recantos mentais (Livreria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956 4ª edição. 2 volumes, 938 páginas. Cotação: ****).

ARTES

Leite

Leite



HENRI ROUSSEAU pintou em inícios do século essa tela, até hoje pouco reproduzida:

"Vista da Ponte de Sèvres". Contra uma paisagem ingênua, cheia de poesia, simples mas contagiante, o "Douanier" desenhou um primitivo avião, um balão e um dirigível. Agora, que os jornais já esgotaram praticamente as palavras sobre o Ano Santos Dumont, queremos fazer também nossa homenagem ao Pai da Aviação. Homenagem diferente, mas nem por isso menos sincera. Essa tela é decerto um dos primeiros testemunhos do feito glorioso do inventor brasileiro, testemunho tanto mais valioso, quando se repara que vem da parte de um grande artista, artista de sua época, enfiado naquela "matéria presente", que é a característica primeira de toda a arte realmente sincera.

● O CARDEAL Jaime Câmara afirmou, em entrevista aos jornalistas, que não teria dúvidas em se recusar a "benzer qualquer aberração, caso surgisse por aqui alguma Igreja da Pampulha". Os cardeais, bem o sabemos, dificilmente entendem de Arte. Mas por que certos deles têm tanta certeza de que Deus é pela arte acadêmica?

● UM PARTICULAR adquiriu por ... 3 500 francos, não faz muito, uma tela representando um Cristo coroado de espinhos. Qual não foi agora sua surpresa, ao lhe ser dito, pelo célebre perito italiano Amadore Porcella, que a tela é um Greco legítimo, devendo ter sido pintada por volta de 1547? Eis o parecer de Porcella, na íntegra: "Obra típica e magistral do primeiro período

espanhol de Domenikos Theotokopoulos, El Greco. Essa dolorosa figura de Cristo coroada de espinhos — Ecce Homo (óleo sobre tela: 48x64 cm) — une à reminiscências patentes da escola veneziana — como também da de Ticiano —, elementos e características espanholas derivadas de Morales. A potência expressiva do rosto, a doçura sublime do olhar — nos olhos toldados pela dor — tudo, nessa obra, surpreende, e é elaborado com uma ciência profunda e sincera. A linha precisa das formas, a tonalidade das carnes, o caráter nervoso e atormentado constituem motivos incontestáveis da escrita pictórica de Theotokopoulos. Uma profunda espiritualidade emana do rosto exangue de Cristo, concentra-se em detalhes particularmente admiráveis das mãos que freem, de um poder de sugestão excepcional, comparável às de "Paulo Terceiro", de Ticiano.



UM AFRÉSCO, descoberto nas ruínas inesgotáveis de Pompéia, parece ter sido o modelo com que contou Rafael Sanzio para elaborar sua tela "*As Três Graças*". A semelhança entre a peça recém-descoberta e a tela de Rafael é tão grande, que é impossível não filiar uma à outra. Ainda mais quando sabemos que Rafael foi um espírito curioso, com um grande gosto pelo passado artístico da Itália. As fotos, porém, dizem mais que as palavras, e por elas verão os leitores se têm, ou não, razão, os que acreditam numa influência pompeiana sobre Rafael. As "*Três Graças*" estão no Museu de Clantilly, na França.

PAGINA DEZ

ULTIMOS LIVROS

Mais ficcionistas - I

WILSON MARTINS

OS ULTIMOS livros de ficção publicados em 1955 trouxeram algumas surpresas: três estréias auspiciosas, as dos srs. Albertino Moreira, José de Barros Pinto e Salim Miguel; dois livros que não chegam a ser bons sem serem absolutamente maus, os da sra. Helena S. de Castro Azevedo e do sr. Osman Lins; outros que nada acrescentam às obras dos seus autores, como os dos srs. Breno Accioly, Nobrega de Siqueira, Ivan Pedro de Martins, Waldomiro Auran Dourado e José Condé; enfim, um romance que confirma os progressos sensíveis da sra. Ondina Ferreira. As boas surpresas são, como se vê, acompanhadas das surpresas desagradáveis, porque a satisfação sincera que provoca o sucesso artístico de um escritor só se compara com a melancolia que nos causa a decadência ou a infelicidade de outros; seja como for, é nesse jogo de contrastes que se passa a vida literária e a obrigação dos críticos é registrá-los com igual imparcialidade.

No campo da ficção, a melhor estréia do ano foi a do sr. Albertino Moreira (1). Até o momento em que escrevo estas linhas, seu livro passou despercebido, o que é uma injustiça: ele revela um vigoroso contista, habil na expressão da vida psicológica, agudo na fixação do excelente pitoresco literário, capaz de renovar os temas e de criar figuras. Com essas qualidades, e-lo em condições de se tornar um dos grandes nomes da literatura brasileira moderna. Que lhe falta, então, para assumir imediatamente esse lugar? O que lhe falta é, justamente, uma certa... atualidade, uma certa sincronia com as exigências que, de toda evidência, se apresentam em nossos dias ao escritor de ficção.

Com efeito, o sr. Albertino Moreira, rejuvenescendo, embora, a literatura em que tanto se celebrou o nome de Valdomiro Silveira, tem, sem o espírito sistemático deste último, as suas mesmas qualidades e os seus mesmo defeitos. Isso significa que, do ponto de vista da "oportunidade", o autor de *Boca-Pio* retarda sobre o seu tempo. Essa circunstância é tanto mais deplorável quanto se percebe que ele possui estofo para ser alguma coisa mais que Valdomiro Silveira, ou melhor, para ser qualquer coisa diferente. A literatura chamada "regionalista" sofre de serias limitações e se sustenta muito mais pelo pitoresco do que por qualidades estéticas propriamente ditas, na medida em que estas últimas implicam a universalidade e a humanidade, a intemporalidade e a generalidade. Ela é, assim, limitada por sua própria definição e constituirá sempre um recanto mais ou menos obscuro e desprezível das grandes literaturas.

Acrescenta-se que a transcrição literária dos modismos regionais jamais se liberta, tampouco, de um certo artificialismo, maior ou menor, conforme os casos, mas invariavelmente constrangedor. E' que a palavra escrita em momento nenhum consegue interpretar com naturalidade um tipo de linguagem que é eminentemente oral, isto é, que depende substancialmente da figura física que a pronuncia, das entonações características e daquela espécie de inocência que lhe é inseparável. Ora, nas páginas de ficção, tudo isso se perde, e, como elas se destinam a leitores cultos, sua linguagem "cabocla" soa como

a linguagem erudita, o que é lamentável. Os personagens da ficção regionalista dão sempre a impressão de se estarem imitando a si mesmos, de viverem uma vida diferente da sua vida de todos os dias, e isso por maior que sejam a habilidade e o virtuosismo do escritor. Além disso, qualquer que seja a atenção e o cuidado, são inevitáveis as variedades de "dicação", a intromissão da sintaxe erudita no vocabulário caboclo e, por consequência, a anulação de todo o efeito que se pretendia.

Este é o defeito particularmente sensível no livro do sr. Albertino Moreira. Seu regionalismo soa falso, em grande numero de casos, porque, por um lado, não mantém a uniformidade absoluta, que me parece imprescindível, na dicação dos seus personagens, e, por outro lado, não se libertou da sua sintaxe erudita na construção dos diálogos. E' noção elementar de linguística que a "personalidade" dos idiomas, em todas as suas categorias, reside na sintaxe e não no vocabulário: todo o mal-entendido em que repousa a literatura regionalista consiste em supor o contrario. Ora, são raríssimos os escritores que o perceberam e que puderam despojar-se da sua própria sintaxe erudita na transcrição dos diálogos; daí serem igualmente raros os grandes escritores regionalistas. O resultado é que, quase sempre, o regionalismo literário não passa de um falso regionalismo, na medida, mesmo, em que essas duas palavras exprimem realidades praticamente inconciliáveis.

São essas contingências que tiram grande parte de valor absoluto ao livro do sr. Albertino Moreira, mas não ao dele próprio, como escritor: recebamos *Boca-Pio* como um exercício de escalas, como uma preparação para os grandes livros que ele poderá escrever.

O sr. José de Barros Pinto, por sua vez (2), aparece na literatura brasileira com um estilo próprio, com grande maturidade, com um invulgar senso da densidade humana e com um tipo de romance ainda muito raro entre nós. Seu livro é o romance psicológico na boa acepção da palavra, isto é, o romance psicológico sem morgue, sem truques artificiais de complexidade, sem esforços suarentos para atribuir aos personagens mais profundidade do que a que existe no espírito e na alma do próprio autor.

Os deste romancista vivem naturalmente a sua vida pouco natural de sobreviventes de um naufragio e são personagens que têm uma existência própria. Acrescenta-se que o sr. José de Barros Pinto escreve admiravelmente (com uns toques, aqui e ali, de preciosismo intelectualista) e teremos marcado os motivos pelos quais o seu romance se situa entre os bons livros publicados em 1955.

Direi, entretanto, todo o meu pensamento? Minha impressão pessoal é a de que se trata de um romancista mais inteligente do que sensível, ou em quem a sensibilidade sempre se manifesta filtrada pela inteligência. O seu caso é exatamente o contrario daquela postura do celebre de filosofia e nele nada existe nos sentidos que não tenha antes passado pela inteligência. E' um "racionalista", para tudo dizer numa palavra, um escritor que constrói a sua historia com grande clareza, sem babugens psicológicas, sem episódios ilógicos, sem nada

que o espírito racionante se recuse a admitir (a não ser a pequena cena em que a heroína consegue ensaboar-se... com agua do mar). Falta, em certo sentido, aos seus personagens um pouco de "moleza" humana, mais espontaneidade, um afrouxamento na vigilância consciente que exercem sobre si mesmos. A vida lhes é um teorema matematico, obrigado a ter um aspecto necessario e invariavel em cada uma das fases da sua dedução; e eles sentem e sofrem racionalmente, não se deixam dominar pelo impeto das paixões nem pela fraqueza dos sentidos. E' isso o que neles não se encontra: a fraqueza dos sentidos. O que nos parece tal é um ato consciente a que se entregam depois de um raciocínio em boa e devida forma. Sem serem cornelianos, porque lhes falta, igualmente, a vontade inquebrantável e o senso do dever, não são também racineanos, o que prova existir no homem mais complexidade psicológica do que sonha a nossa vã filosofia.

Como qualidade literária, o livro do sr. José de Barros Pinto é superior ao do sr. Albertino Moreira; como sensibilidade humana, este ultimo é mais apreciável. Assim, cada um deles manifesta, no primeiro livro, os requisitos que faltam ao outro; a responsabilidade que assumem para o futuro é igual.

Caso mais delicado é o do sr. Salim Miguel (3), em quem os defeitos de realização preponderam, por enquanto, sobre a excelência indiscutível da concepção. Seu grande erro é o de tentar fazer do romance um instrumento de convicções: nesse particular, ele sucumbe ao mesmo esquematismo, á mesma ingenuidade, a que fiz recentemente referencia, comentando alguns romances "políticos". Mas, ao contrario dos autores então estudados, o sr. Salim Miguel apresenta-se com evidentes qualidades literárias. Sua imaginação é rica e nada tem de linear; seus personagens se diferenciam humanamente entre si e não se confundem. Infelizmente, percebe-se em diversos episódios a influencia nefasta do sr. Jorge Amado: o sr. Salim Miguel também se sente obrigado a "fazer poesia", a escrever interludios pretensamente poeticos, a interpretar demurgicamente o sentido presente e futuro de todas aquelas vidas.

Seu estilo exige, igualmente, um trabalho mais demorado, uma limpeza mais cuidadosa. Sua frase é muitas vezes gormenta, enredada, confusa; sua ortografia nem sempre é das mais ortodoxas. Por singularidade, tudo isso produz resultados apreciáveis quando passamos do texto, digamos, "autoral", para os diálogos; então, essas incorreções ganham naturalidade na boca dos personagens, autenticam as conversas e as idéias, visto transferirem-se para a pauta que lhes é própria.

Em suma, o que esse jovem romancista parece não ter compreendido é que a realidade constitui, na ficção, um trampolim e não uma escada; que ela deve servir de ponto de partida e não de ponto de apoio e que o seu "estilo" é diferente e incompatível com o "estilo" da ficção. Assim, o seu romance nada ganha e, ao contrario, perde alguma coisa, por sabermos que a vila de Ganchos existe realmente a tantos graus de longitude e de latitude e que foi criada pela lei municipal n.º 98. A idéia que o sr. Salim Miguel se faz da autenticidade literária, e que expõe na introdução do seu livro, me parece falsa e insustentável. Não é o respeito á "raiz do fato em si", como ele diz, que confere autenticidade á ficção; é apenas o respeito á natureza profunda do homem. Muitos romancistas que inventaram a sua realidade chegaram a uma autenticidade bem mais... autenticidade do que inumeros outros que, como o sr. Salim Miguel, julgaram poder misturar a reportagem e o romance.

A sua experiencia humana, que é das mais ricas, deveria sofrer melhor transposição antes de servir na construção romanesca; por outro lado, os seus ideais de justiça social, que são dos mais louváveis, deveriam resultar implicitamente da historia contada, sem que o romancista se demorasse a comentá-los, a apontá-los, a insistir neles, a tomar partido, como num livro de doutrina.

A qualidade "humana" da ficção faz-se, contraditoriamente, com ingredientes que pouco têm a ver com as qualidades "humanas" da vida real, assim como a perspectiva produz o sentimento da terceira dimensão numa superfície plana. Quando compreendemos os nossos generosos homens de letras que o romance é uma perspectiva e não a propria coisa? e que o fato, justamente por sê-lo, nada tem de romanesco, literariamente falando? O livro do sr. Salim Miguel somente se salva, na medida em que se salva, pelo que se emancipa da realidade imediata, porque, no romance trata-se de criar um mundo e não de repetir, "com outras palavras", o mundo cotidiano.

Em conclusão, não creio que esse romance permaneça, na triagem feroz da posteridade, mas acredito no sr. Salim Miguel como romancista, se ele se decidir a rejeitar tudo o que não pertence á boa tecnica do genero (entendida a palavra no seu sentido mais amplo) e que compromete a perfeição do seu primeiro livro.

Entre os jovens autores do ano passado, o sr. Osman Lins apareceu cercado da maior simpatia. Não apenas pela sua juventude, naturalmente, mas ainda por haver obtido, como o sr. José de Barros Pinto, um premio literario que já começa a consolidar a sua reputação no Brasil. Essa expectativa, impossível encobri-lo, transformou-se em decepção com a publicação do livro (4). É um romance como inumeros outros, que aparecem em cada estação e que desaparecem, em seguida, para sempre. Nele se nota o esforço para alongar em duzentas paginas uma historia que caberia largamente em um capitulo: a imaturidade literaria do autor não lhe permite, ainda, abarcar em sua totalidade o mundo romanesco que se faz, antes e acima de tudo, com essa materia-prima chamada a experiencia humana. Livro sem aqerção, ele não pode ser, por isso mesmo, o romance psicologico que nele quiseram ver, porque a psicologia não é uma realidade por si propria: ela não é mais do que a reação do homem diante das coi-

sas, assim como a chama resulta, inicialmente, de um atrito. Não há "psicologia no ar", apenas porque um homem existe ou porque um personagem foi criado; pelo menos no romance, só há uma forma de mostrar a densidade psicológica do personagem e é colocá-lo em face de episódios diferentes, de uma multiplicidade semelhante á vida.

No romance do sr. Osman Lins não corre essa multiplicidade. A "situação" dos personagens é sempre a mesma, espichada penosamente ao longo de paginas que, no fundo, se repetem. Agravando esse defeito, constata-se uma tentativa artificial de lhes atribuir densidade, por meio de uma espécie de ilogismo... logico ou intelectual dos mais elementares. Nesse particular, o sr. Osman Lins segue a escola de alguns conhecidos romancistas brasileiros, como os srs. Lucio Cardoso e Rosaria Fusco, por exemplo.

E também como o sr. Breno Accioly (5). Naturalmente por incapacidade congenita, não vejo senão rudeza estilística e trabalho incompleto onde outros encontram insondáveis abismos psicologicos. No caso do sr. Breno Accioly, há uma certa dispersão de inspiração, uma espécie de instabilidade que lhe prejudicam sensivelmente todos os livros. É um inquieto, que não se submete ás servidões do trabalho intelectual. É também um espírito de poucas dimensões, impossibilitado de "compreender" (no sentido etimológico da palavra) as "contradições" psicológicas do homem, de cada homem. Essas insuficiências, que se armazenam na sua obra de contista, aparecem plenamente no romance, genero bem mais exigente e de outras sujeições.

Também os srs. Nobrega de Siqueira (6) e Ivan Pedro de Martins (7) nada acrescentam, com os seus ultimos livros, ao conto brasileiro. O primeiro é um escritor dotado de facilidade e que se deixa levar por ela; o segundo, ao contrario, que jamais se distinguia pela abundancia nem pela espontaneidade, resolveu aproveitar num volume que diminui a sua obra anterior, todos os fundos de gaveta. O resultado é um conjunto de paginas mais ou menos incaracterísticas e pobres, de cuja publicação não se percebe a necessidade.

Termino com uma nota mais esperançosa, consagrada ao romance da sra. Ondina Ferreira (8). A autora de *Chão de Espinhos* situa-se naquela categoria de escritores que constroem pouco a pouco, mas continuamente, a sua perfeição. Este ultimo livro é sensivelmente superior aos anteriores, sem se libertar por completo de uma certa superficialidade. Os personagens da sra. Ondina Ferreira não alcançaram, ainda, a verdadeira grandeza, mas o seu romance lê-se com agrado e apresenta-se com uma arquitetura solida e bem proporcionada.

1) *Boca-Pio* — Edição da Organização Simões — Rio de Janeiro, 1955.

2) *A Jangada* — Edição Saraiva — São Paulo, 1955.

3) *Rede* — Edições Sul — Florianópolis, 1955.

4) *O Visitante* — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro, 1955.

5) *Dunas* (Edições O Cruzeiro) e *Maria Pudim* (editora José Olympio) — Rio de Janeiro, 1955.

6) *Sanhaços* — Livraria Martins Editora — São Paulo, s. d.

7) *Do Campo e da Cidade* — Editora Lux Ltda. — Rio de Janeiro, 1955.

8) *Chão de Espinhos* — Edição Saraiva — São Paulo, 1955.

(Endereço do critico: Rua Ubaldino do Amaral, 710 — Curitiba).

Os homens de maior distinção em todo o mundo usam Aqua Velva



Proteja seu rosto com a loção para após a barba mais famosa do mundo.

Olhares de admiração seguem naturalmente o homem que usa Aqua Velva. Seu perfume, discreto e suave, tem um maravilhoso efeito insinuante... sua vigorosa ação refrescante lhe dá realmente boa disposição.

Faça como os homens de bom gosto! Use Aqua Velva após a barba — compre um vidro ainda hoje!

RELÓGIO DE PONTO



IBM

De qualidade mundialmente famosa

INDÚSTRIA
BRASILEIRA

IBM WORLD TRADE CORPORATION
Rua Barão de Itapetininga, 140 - 10.º - Fone: 32-5187
Matriz no Rio de Janeiro
Filiais em: Fortaleza - Recife - Salvador
Rio Horizonte - Porto Alegre
Agentes nas principais cidades.

ÀS INDÚSTRIAS DE AUTO-PEÇAS

O Sindicato da Indústria de Peças para Automoveis e Similares, no Estado de São Paulo, convoca todos os produtores de auto-peças e materiais conexos para a reunião que se realizará hoje, dia 26 do corrente, ás 16 horas, no viaduto Dona Paulina, 80 — 6.º andar, na qual serão tomadas decisões sobre os seguintes assuntos:

INSTRUÇÃO 113 — Reflexos de seu desvirtuamento sobre a indústria;

IMPORTAÇÕES ILEGAIS — Medidas a serem tomadas na defesa desse setor industrial;

INDÚSTRIA DE AUTO-PEÇAS — Sua posição nos planos da industrialização automobilística nacional.

Fábr

Es

LIVROS

Arnaldo Brandão

O primeiro semestre do ano de 1956, foi quase inteiramente dedicado, por mim, à literatura catarinense.

Pela primeira vez em minha vida, levei a sério essa literatura vacilante, tão desprestigiada pelos conterrâneos, tão esquecida de todos e que no entanto, malgrado essa barreira, verdadeira cortina férrea que isola o escritor de seus coetâneos, mesmo assim, ela começa a aparecer e tomar lugar em meio a outros Estados, tão bem protegidos, não só pelos poderes estaduais, mas também pelo público, fator principal para a divulgação de qualquer obra.

Até o momento, nós, os escritores catarinenses pouco ou quase nada obtivemos de quem quer que fôsse para que nossas obras literárias se projetassem e tivessem a repercussão necessária, a fim de que fôssem publicamente julgadas e merecessem então, o olvido ou a consagração.

Salim Miguel lança seu primeiro romance "RÊDE", obra de fôlego em que o escritor conterrâneo focaliza um grupo de pescadores vivendo e se debatendo no isolamento de uma de nossas praias e onde encontram, em troca de seu ardoroso trabalho, apenas a concorrência do pescador forasteiro, mais rico e melhor aparelhado. Em "RÊDE", vamos encontrar costumes, tradição e interessantes aspectos da estranha vida de nossos abandonados pescadores.

Deixando o litoral com seus homens do mar e suas crendices exóticas tão bem firmadas em "RÊDE" por Salim Miguel, vamos para a serra embebedarmô-nos com a inigualável leitura de "PIÁ" da autoria de nosso maior contista (na opinião do colunista); Guido Wilmar Sassi. Até hoje não pude compreender, por que este livro não atingiu uma edição maior, tão pouco como existem ainda catarinenses que não tenham lido uma obra tão fina, um estudo tão aprimorado da nossa criança, um livro que orgulha e projeta bem alto a literatura de Santa Catarina. Talvez que em Florianópolis ou em Lajes (terra do escritor), o livro seja bem conhecido, entretanto, em outras partes do estado, mormente no Vale do Itajaí, essa obra prima que se chama "PIÁ", notável edição da Revista "Sul", é inteiramente desconhecida. Por que, qual a razão?...

Eu mesmo já li "PIÁ" duas vezes. Duas vezes que me delicieei com o livro de Guido Wilmar Sassi que, lá de Lajes, me escreve se lastimando com a falta de ambiente e com a pouca repercussão que, em nosso Estado, alcança uma obra literária.

"Nossa Boa Terra" é o livro bilingüe de Adolfo Bernardo Schneider que chegou às minhas mãos proveniente de Joinville. Na maioria, são crônicas o conteúdo do livro de Schneider. Crônicas regionais, alegres, fixando, acima de tudo, a maneira interessante e atrativa em que vivem os moradores da cidade de Joinville e suas cercanias. Um livro que deveria ser lido e conhecido em todo o Estado mas que, no entanto, para um número de joinvilenses ou vizinhos dessa cidade, Adolfo Bernardo Schneider continua ainda mais conhecido como jornalista do que propriamente como autor de uma coleção de crônicas encantadoras, bem merecedoras da nossa atenção.

Quando Iris Fâdel trouxe-me os manuscritos de "Páginas da Vida" para que eu desse uma leitura e fizesse em seguida um julgamento, declinei dessa atitude. O que fiz foi apenas entusiasmá-la e orientá-la em sua futura edição. Iris sentia-se medrosa, vacilante, até que por fim se encorajou. Ao olhar agora o livro de poesias de minha conterrânea, encontro naquelas páginas de bom papel bufon, o prêmio de uma persistência elogiável, uma realização feliz dessa iniciante, outrora tão temerosa e que agora, já principia a levar a sério os planos de uma outra edição.

A Editôra Sul de Florianópolis, apronta uma série de livros de autores barrigas-verdes que serão lançados ainda este ano. Novamente teremos Guido Wilmar Sassi com sua novela: "Promessa a São Miguel". — A. Boos Jr. com Teodora & Cia., e outras surpresas mais.

Itajaí, na pessoa do rabiscador destas linhas, se faz representar com o poema teatralizado: "No Mundo da Lua", e em próxima edição: "O Vendedor de Pinhões", reunião de contos, crônicas e páginas soltas que têm por cenário o opulento Vale do Itajaí.

Estimulemos, pois, os escritores de nossa terra, lendo, presenteando, emprestando ou indicando os livros de sua autoria, cooperando, assim, para maior brilhanismo da literatura "barriga-verde".

el realismo social en la última obra de salim miguel

CON la publicación de "Rede", título sintético de una extensa novela de vasta acción social, Salim Miguel apártase del camino de recorte psicológico trazado en sus dos libros anteriores: "Velhice e outros contos" y "Alguna Gente", para iniciar una nueva aventura literaria. En este último libro el autor toma una posición definida al abandonar el tema analítico de sus producciones lanzadas a la publicidad con anterioridad, para encauzar en la tradición novelística de los grandes escritores brasileños.

Salim Miguel debatíase en la encrucijada de dos caminos, vacilaba entre dos temas literarios (el que tendía a una visión fantasmagórica, y el realista) no obstante existir en él una conciencia de clase y una concepción humanitaria y sociológica ya formadas. El primero de ellos es indirecto, pero está hondamente impregnado en el autor como consecuencia de lecturas de Dostoievski, Poe y sobre todo de su compatriota Graciliano Ramos, de quien sigue siendo fervoroso admirador; el segundo es más consecuente, directo, y básase en la vida cotidiana, llena de sacrificios y miserias del hombre callejero y de sus anhelos colectivos.

Sin embargo, notábase ya en los cuentos y crónicas noveladas de sus dos primeros libros, aunque veladamente, una tendencia hacia lo real, lo objetivo.

Pero lo psicológico poseía una preponderancia sobre aquél. El autor basábase más en lo psíquico que en la realidad desgarradora de la vida colectiva, para traer a flote sus personajes. Pero

ahora lo excesivamente analítico va decreciendo paulatinamente hacia lo real, fundiéndose ambas tendencias en un eje propulsor del universo novelístico de "Rede". Esto quiere decir que las dos tendencias que siempre ofrecen la misma equidistancia en relación al quehacer literario de Salim Miguel, contradictorias u opuestas sólo en apariencia, se van transformando en un todo, dejando por lo tanto, de ser meros elementos de retazos inorgánicos, antagónicos, para sintetizar la conjugación de dos fases de la realidad, quizás la de dos mundos aparentemente distintos, pero que en verdad no lo son.

Claro que el social acaba de prevalecer con toda su objetividad sobre las especulaciones de orden psicológico, en las páginas de "Rede". Es esta una extensa novela que enfoca corajudamente el drama actual de un pueblo de pescadores. Con su publicación, Salim Miguel emprende una nueva aventura literaria, ahincando más profundamente los pies en la tierra, para describir la vida miserable y degradante de una población que despierta para luchar contra el oscurantismo, la rutina y la explotación del hombre por su semejante. La acción de la novela desarróllase en la villa de Ganchos, conglomerado de pescadores perdido en los confines de Santa Catalina, ignorado y abandonado a su suerte por los gobernantes demagógicos que sólo se acuerdan del pueblo y le alaban en día de elecciones. En sus compactas trescientas páginas se refleja un drama horripilante y denso que rebasa por su intensidad humana, el fabricado por la fantasía de los cronistas de lo pintoresco, de las medias tintas. Trátase nada menos que... del hambre, flagelo tan característico de algunas regiones brasileñas donde el hombre vive muy por abajo de su condición zoológica.

Salim Miguel no tergiversa la realidad ni hace concesiones de orden sociológico que puedan limitar su descripción realista. Pero a veces, quizás por la falta de pericia que suele existir en quien maneja tan magna materia por vez primera, no halla la manera más feliz de armonizar el estilo literario con tan vasto arsenal de emociones humanas y luchas sociales, dándonos en consecuencia, algunas páginas flojas, que aunque intentan expresar una tónica anecdótica al margen del hilo conductor, como un complemento indirecto, no lo consiguen. Pese a estas pequeñas deficiencias que el autor tendrá en cuenta, estamos seguros, en sus futuras novelas, la obra está en líneas generales, bien realizada, y logra sus propósitos, que son denunciar el hecho miserable que apremia a los pescadores de una de las regiones más huérfanas de Brasil.

La trama novelística está dada con profundidad dentro de las debidas proporciones. Víctimas del progreso que en la estructura social y económica de regiones semiféudales, sólo beneficia a las clases pudientes, los pequeños propietarios de la industria del pescado, que ven peligrar sus intereses de clase, sin tener en cuenta los perjuicios que ocasionan a sus asalariados, los simples pescadores, se unen para hacer frente al enemigo foráneo.

Pero los de abajo, los del último escalón social, también reaccionan. Entonces surge el divisor común de variadas y enconadas luchas, que como la pleamar, suben o bajan de grado.

"Rede" es una documental donde la vida palpita, donde la tragedia y el hambre no son ficticios. Todo allí es realidad, acción, sueños y esperanzas plausibles, un pedazo del Brasil, un fragmento de esta América enajenada.

por ANTONIO SIMOES (Jr.)

Revista Veladas

Buenos Aires - marzo 1957

literatura catarinense

Anibal Nunes Pires

Rêde é o título do romance com que Salim Miguel espera a manifestação da crítica. Modesto como o autor, o livro surgiu sem padrinho rico ou mesmo pobre, sem propaganda, sem apresentação e sem prefácio. cremos ter sido melhor assim mesmo. O volume se valorizará mais pelas qualidades intrínsecas, pelo conteúdo humano e pela mensagem artística que nele se contém.

A-pesar-de tôdas as dificuldades de que é dotado um meio provinciano — quase sempre rude e hostil, não integrado nas lides literárias, poucas vezes sincero e complacente — “Rêde” nos surge com poucos defeitos exteriores. Se a capa, muito bem realizada pelo artista de renome nacional, Edgard Koetz, impressiona e chama a atenção, já a impressão, os tipos miúdos não predispõem o leitor comodista, às vezes malandro, a uma leitura normal. O autor correrá então com muitas desvantagens: do meio provinciano, pelo fato de ser uma estréia, dos defeitos de impressão, dos caracteres tipográficos, etc. E o leitor, mesmo comodista e malandro, como dissemos, vencendo essas exterioridades, prova que tomou interesse. Tais defeitos, portanto, servirão de termômetro que marcará a força expressiva, os recursos novos de estilística, a sinceridade com que o autor procura caracterizar os personagens (às vezes o personagem é um símbolo); a naturalidade com que o escritor faz aquelas gentes marginais viver os seus problemas primários, com recursos escassos, numa ignorância “virgem”; a simpatia, quase ternura, para com os desamparados e desprotegidos, para com os “manuéis” e filhos dos “manuéis”.

Até que... “acontece o milagre, milagre da união dos homens”.

Literatura alguma merece respeito ou consideração, a menos que reconheça e registre as circunstâncias históricas, os conflitos morais e sociais que a animam.

Em uma semana, de uma terça-feira a outra terça-feira, como quem pretende fixar o viver de rotina, vão acontecendo os fatos comuns, característicos e os esporádicos; vão desfilar os personagens integrados no ambiente, os que não se conformam e os visitantes que, por circunstâncias especialíssimas, passaram por lá. O leitor, naquela semana que pode ser qualquer, dados os recursos literários do autor, toma conhecimen-

to da origem e situação da vila de Ganchos, dos seus habitantes, dos seus costumes, das suas misérias, das pequenas alegrias e das grandes lutas e do seu conformismo atávico que os empurra sempre para o mar. O mar, razão de suas existências e causa de suas mortes.:

“O mar é assim, ao mesmo tempo maior amigo e maior inimigo da gente da vila. As mulheres não sabem por quanto tempo terão marido, filhos, irmãos, pais; nem eles sabem se, saídos hoje para uma pesca, voltarão. Todos temem — e a angústia é desesperadora. Por isso, devido àquela constante preocupação, as mulheres, mui especialmente, envelhecem logo, mais que os homens que só enfrentam o perigo, ao passo que elas enfrentam a angústia da espera. Logo profundas rugas cavam-lhes os rostos. Enfundadas nas casas, na praia à espera, pensando sem agir, torturando-se, uma noite tem a imensidão da eternidade. Os homens além de não terem tempo para pensar, muitas vezes não têm tempo para envelhecer. O mar os traga.

O que foi Ganchos, o vir a ser de Ganchos, fundem-se naquela semana-presente — ora nos sonhos e pensamentos dos personagens, ora na conversação e rememoração deles.

E como escreve Salim Miguel tudo isso? Com arte. A arte impregnada das condições e conflitos modernos, como não poderia ser outro modo. Com compreensão e lirismo, não artificial, mas pleno de ternura quando se trata das coisas mais simples e naturais da vida, quando se refere aos pobres pescadores... **“dezenas, centenas de anos amarrados, tolhidos, vivendo assim; gerações vendo aquilo que para eles é tradição, um hábito impossível de quebrar”.**

E’ drástico, duro, severo quando se trata da ganância, da prepotência, da ignorância consciente, dos intrusos, dos mandões e dos “donos da vida”.

E’ mofador, irreverente, irônico mordaz quando se trata das aparências e simulações, dos snobs e ridículos, da impáfia dos pretenciosos.

Leopoldo é uma luz dentro da noite. E’ o remédio para curar a cegueira. Personagem, nada falso, na sua origem, na sua incipiente formação socialista, nas suas lutas íntimas, com os seus receios, com sua pobreza e energia parece ser o símbolo de “a luta e o coração decidido” da epígrafe no início do livro. Leopoldo vê e sente

(Continua na 2a. página)

Uma estréia e um marco na literatura catarinense

(Continuação da 6a. pág.)

na carne... Deixemos o escritor falar:

“Ontem, hoje, amanhã... iguais a outros ontens, hojes e amanhãs. Um círculo vicioso completo, perfeito, extremamente rápido e desnorteador, que não deixa a pessoa raciocinar. Pronto.

Sempre devendo pequenos favores que lhes tohem os movimentos. Pronto, lá ficará o dinheiro, a vida, o alento, a esperança. Assim passavam-se os anos, assim iam e vinham gerações. Pronto: Agora surgia Leopoldo, agitava a água parada, queria varrer a estagnação. Encontrava resistência, encontrava desconfiança, encontrava temor”.

E vêm os tipos todos para a convivência do leitor: E’ Justo, é Ti Zé, Manoel Lucas, Wavio, Dultávio, Juquinha, Jango, Lola etc., todos, tendo sinais comuns, forjados pelo meio, mas com representações características, que não se confundem.

E’ o amigo do pai de Jango, que o mar roubou sem nunca devolver; um símbolo, um heroi que Ganchos rememora com respeito e admiração. Ti Adão, personagem marcante, decano das redondezas, ele e Cardozo são os donos do mundo de crenças e superstições. A. D. da pensão e as irmãs Bernardas, sempre insinuando, sempre plantando verde. Saudosistas. Sempre querendo — não querendo maliciar. Os dois malandros vigaristas que agitam a vila e ridicularizam Dermeval e o praça Laurindo. A professora, insatisfeita, deslocada, desiludida com o magistério, ensinando por necessidade e não por vocação profissional. O romance de Lourdes com Godofredo, dentro de uma linha humana, não poderia faltar como complemento da vida social de Ganchos. Não é uma aventura amorosa, nem tão pouco uma conquista. Godofredo quer Lourdes para sua companheira.

Sente-se a preocupação do autor em trabalhar bem os tipos, dentro das respectivas condições, em situações diversas, com atitudes, ações e reações psicológicas, se não estritamente exatas, pelo menos criadas com cuidado, penetração e sinceridade. O autor fez do seu mundo um microcosmo da vida e do destino do homem e disso adverte o leitor com a epígrafe de Gil Vicente: “Nós somos vida das gentes e morte de nossas vidas”.

O escritor também pinta com palavras e isso faz Salim Miguel quando nos fala de Ganchos, do Espetáculo, da Aula, de São Miguel, da Igreja e do Moinho, do Arrastão (ai poderia ter conseguido maiores e melhores efeitos), da festa em São Miguel (não posso compreender as festas na vila sem o padre, sem as bandeirolas e sem os malditos foguetes. Pena, faltarem os foguetes!)

Há cenas, parece, propositalmente cinematográficas tais como a das lavadeiras, a da destruição das rêdes dos barcos de Santos; a do enterro de um dos pescadores cujo corpo deu à praia todo comido dos peixes. Os close-up literários não deixam de aparecer, quase sempre imprescindíveis e geralmente para caracterizar indivíduos. Por todo o romance paira um clima de amarga ironia, culminando com o nascido morto, filho de Manoel, no final daquele domingo de festas. “Depois que “Ocha pessoá de corage”!! dito por uma meninha lavadeira e atribuída aos vigaristas, penetrou naquelas cabeças duras, a noite pode cair acalentadora sobre a vila. Uma nova vida. “Uma vila onde os homens descobriram que pode existir uma outra vida que não aquela deles só de miséria, uma vila de luta e decisão, e mais uma vila de esperança”.

Se o ideal do romancista, no dizer de Alvaro Lins, é uma criação de vida pessoal, através dos personagens, e de vida social, através dos ambientes e cenários, Salim Miguel o conseguiu e dentro de uma técnica, seguindo o pensamento de A. Lins, que quer dizer segurança, domínio do caos, afirmação de um carater. E este carater particular de uma obra é que a faz salvar-se do naufrágio do tempo, que determina a sua existência para além da sua época”.

Salim Miguel escreveu um romance que vai dar o que falar e esse é o seu maior elogio.

Florianópolis, 17 de novembro de 1955.

CONFIRMANDO a existência de um surto realista em nosso romance atual, acaba de aparecer mais um livro, vindo de Santa Catarina, de autoria do contista Salim Miguel. O A., que estréia em romance, aproveitou um tema rico, cheio de conteúdo dramático e social, qual seja a vida dos pescadores de uma povoação no litoral catarinense. Nessa história não apenas o mar com seu pitoresco ou pictórico aparece, como acontece em tantas obras que abordam histórias de pescadores, mas os homens, principalmente aqueles que sofrem mais duramente o impacto da realidade social ambiente, suas lutas e reivindicações. Esse valor essencial do romance que comentamos deve ser destacado em primeiro plano porque do conteúdo humano — de um humanismo dinâmico, atuante — derivam as ações, palavras, atitudes, posições e gestos dos personagens.

Retratando a vida simples, agreste e rude dos pescadores de Ganchos (pequena vila perdida no litoral de Santa Catarina) pretendeu Salim Miguel traçar não apenas um painel naturalista, debruçando com papel carbonado a realidade, mas, dentro da trama, dos acontecimentos, o elo de ligação, a dinâmica impulsionadora. Conduz assim o A. para o livro uma galeria de tipos puz, embora pouco marcados e sem a profundidade que se deve exigir em tais casos, são seres humanos que, na sua maioria, se colocam em posição dinâmica, de luta frente à vida, procurando resolver seus problemas.

Salim Miguel narra a vida da povoação de pescadores durante uma semana. Dentro desse pequeno tempo os fatos fundamentais da vida são focalizados. Mas, o A. não escolheu, para sua

Romance de pescadores

Clóvis Moura

narrativa, uma semana qualquer de vida da povoação. Condensou nessa semana algumas mudanças que se processavam nos homens da povoação: a tomada de consciência dos pescadores que reconhecem a exploração a que se encontram sujeitos e levantam suas primeiras lutas contra esse estado de coisas. Usando de uma solução inteligente, o A. colocou nesse período de tempo uma série de fatos que marcam a evolução da vida e do pensamento dos homens de Ganchos. Da situação de pescadores esmagados pelas grandes companhias de pesca que, dispondo de um equipamento técnico mais avançado, de grandes capitais, da organização e mercado, agravavam ainda mais a miséria dos pescadores que trabalhavam para os pequenos capitalistas donos das lanchas, surgem homens que reconhecem a exploração e resolvem lutar. As grandes companhias estrangeiras disseminaram, assim, no seio dos trabalhadores das lanchas, um descontentamento que se aprofundava à medida que certas condições econômicas se agravavam para os pescadores. O romancista lança então uma série de personagens que expressam, de forma particular, os diversos aspectos do problema e reagem especificamente ao mesmo. Dessas reações, do comportamento de todos em relação a esse problema básico, é formada a trama do romance. Surgem então os tipos criados pelo A. que, embora muitas vezes sem densidade, sem profundidade, retratam o conjunto do dra-

ma econômico, social, político e sentimental do lugar.

Leopoldo, ex-doqueiro de Santos, é apresentado como personagem avançado, que sente em primeiro lugar a necessidade de luta contra o estado de coisas imperante em Ganchos. Retirando companheiros que igualmente se encontravam quase sem possibilidades de conseguir pão para suas famílias, instrui-os para que, em uma noite sem lua, cortem as redes dos grandes barcos que estavam agindo fora da barra do mar da povoação, o que é executado por todos os pescadores. Realizada a façanha vem o protesto dos grandes capitalistas, através dos seus prepostos, que prometem vingança. Sem contudo derrotados em consequência da solidariedade da população à iniciativa de Leopoldo.

Os pescadores, por seu lado, não se contentam com essa vitória, obtida contra os grandes proprietários de fora, e se organizam para derrotar os patrões da povoação. Desflagram, então, uma greve com a qual reivindicam uma maior participação no produto da pesca. A greve é vitoriosa e o A. termina com palavras otimistas sobre o futuro dos seus personagens que certamente, conforme afirma, continuarão com novas lutas realizando suas esperanças de uma vida melhor.

E dentro dessa estrutura básica que o autor desenvolve inúmeras outras subordinadas ou paralelas ao tema central, fazendo surgir uma galeria de tipos interessantes, embora — como já dissemos — pouco profundas e muitas vezes imprecisas. O A. aproveita ainda material folclórico para nos mostrar os hábitos, vida e costumes da população de Ganchos. Personagens como o velho Justino, seu sobrinho Godofredo, D. Julia, proprietária da única pensão da vila, "seu" Jango, Lola, os dois ladrões que se apresentam como prestidigitadores, todos esses tipos que desfilam nas quase trezentas páginas do romance. São como fragmentos do drama geral, como pedaços que compõem o painel geral da luta dos pescadores.

O romance tem, no entanto, alguns defeitos que devem ser apontados. Preliminarmente o A. não viu que a realidade mostra que a luta é muito mais contraditória, rica e viva do que esquemas idealizados. No caso particular que abordou, fez com que se desenhasse uma psicologia uniforme na sua essência entre os pescadores, todos concordando mais ou menos com as propostas de Leopoldo, como se as dificuldades da organização da luta se limitassem à persuasão. E achamos que nisso reside uma das falhas mais visíveis do livro. As duas ações que são os dois pontos culminantes, política e dramaticamente, surgem de maneira inteiramente espontânea. Na ação contra os donos dos grandes barcos de pesca e na greve. No primeiro episódio os personagens confabulam em tom ciciante (o A. parece qu-

dos barcos lançarem-se ao mar afirmam unanimemente que não irão, o que obriga o patrão ceder.

Ora, quem conhece a complexidade de pontos de vista, de atitudes e incompreensões que surgem durante uma greve, vê que não é possível essa atitude que o A. apresenta entre os pescadores. A greve exige uma consciência e por isso mesmo um tipo de organização a fim de que se possa levar a movimento a bom fim. Infelizmente isso não se verifica no romance. Devemos falar também sobre uma displicência de forma que o autor poderá facilmente corrigir em futuros trabalhos. O livro de Salim Miguel, apesar de tudo, mostra como os nossos jovens novelistas estão procurando na nossa realidade e nas nossas lutas tema e inspiração para suas obras.

(1) — "Rede", Salim Miguel. — Edições Sul, Florianópolis, 1955.

A propósito de "Rêde"

ROMANCE DE SALIM MIGUEL

BRADO AFRICANO - 3/3/1956

O fenómeno da "descoberta" da literatura brasileira, não da literatura do passado que, mau grado valores como Castro Alves ou Machado de Assis, apenas se pode considerar brasileira pelo facto dos seus autores terem nascido em território do Brasil, mas da actual, da que tem características próprias e vivas, é sintetizado nas palavras do romancista José Lins do Rêgo quando diz: *Levamos uns anos para chegar ao povo. Hoje podemos dizer, já podemos afirmar: o povo é em nossos dias o herói dos nossos livros. Isto equivale a dizer que temos uma literatura.* "Só realmente do encontro com o povo a literatura brasileira se desafogou das tradições que a ligavam à literatura europeia em geral e à portuguesa em particular. Fenómeno idêntico se deu, mais tarde, como é sabido, com a literatura portuguesa que marasmava na paz podre dos temas mais ou menos sem interesse, dos dramas sentimentais da burguesia ou das descrições meladas de românticos idílios aldeões. Assim a literatura brasileira, da época de 1930 até aos dias que correm, apresenta-se cheia de vitalidade, de cor própria, de características que a tornam distinta de qualquer outra. País novo, crescendo dia a dia, com um povo heterogénio vivendo os problemas sociais mais diversos e distantes, com um território imenso, rico e fértil, com os contrastes mais frontais entre estado e estado, a literatura brasileira tinha forçosamente que *re-bentar* — permita-se o termo — tanta era a seiva possuída e respirar fora de academismo e malabarismos literários. E assim foi. Do Brasil começaram a ser atirados ao mundo livros que o mundo lia avidamente, com uma avidez mesclada de espanto perante a nova força que aparecia e impunha ao conhecimento de todos, os dramas mais violentos, as verdades mais amargas, os problemas mais duros que equacionavam uma civilização em início, que embalada em lirismo, falava de heróis obscuros, de crianças desprotegidas, de amores bem humanos, que, aluminada por um sol escaldante ou prateada pela lua tropical, mostrava paisagens exóticas e maravilhas ignoradas. Os nomes de Jorge Amado, Lins do Rêgo, Erico Veríssimo, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Graciliano Ramos e tantos outros andaram de boca em boca e os seus estilos foram vamente copiados por outros escritores que também tinham que dizer mas que não sabiam como dizer. A literatura brasileira impôs-se ao mundo definitivamente, sem que possa haver quem, com honestidade, possa afirmar o contrário.

Quando o mundo se habituou à aceitação calma dos livros oriundos do Brasil e porque um movimento, só porque nos primórdios foi aclamado, não pode parar ou estagnar, vários outros movimentos, estes de jovens, igualmente verdadeiros, foram surgindo e, se bem que estruturalmente, tendessem, como já se disse, para a humanização e dignificação dos homens, particularmente distinguiram-se uns dos outros pelas características regionalistas e pelos estilos e formas dos seus componentes. Um desses movimentos, o que mais conhecemos pois a revista por ela editada, "SUL", e por demais divulgada em Moçambique onde conta

até com grande número de colaboradores, é o dos jovens do estado de Santa Catarina.

O Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, Santa Catarina, é uma agremiação que faz inveja a quem olha com olhos de ver para a desagregação em que vive a gente que em Moçambique se dedica, de uma forma ou outra, às Artes ou às letras. Iniciada há meia dúzia de anos por um grupo de jovens trabalhadores, o Círculo de Arte Moderna conta já com realizações de grande envergadura cultural das quais se podem destacar a sua revista e a sua editorial. A sua sombra tornaram-se populares, nomes como o de Eglê Malheiros, Salim Miguel, Guido Wilmar Sassi, Ody Fraga, Olovis Moura, etc. Exposições de artes plásticas, de gravuras, livros de poesia e de prosa, inquéritos, artigos de divulgação e crítica, de um sem número de actividades é responsável o Círculo de Arte Moderna de Florianópolis. E é exactamente de um romance de Salim Miguel — "*R E D E*" —, director da revista "*Sul*" e autor já de dois bons livros de contos: "*Velhice e outros contos*" e "*Alguma Gente*", que queremos falar.

* * *

Dizer que "*Rêde*", é um romance perfeito, um daqueles romances a que um crítico por mais que procure não encontra erros notáveis, era fugir a uma verdade a que nos obrigamos. No entanto, na nossa opinião, julgamos "*Rêde*" uma obra com interesse e humanidade.

Salim Miguel, atingindo no conto um nível que poderemos considerar bom, neste romance mostra-se ainda pouco romancista. Não que "*Rêde*" esteja mal construído ou não nos mostre exactamente aquilo que o Autor nos queria mostrar. Todos os erros puramente formais, daqueles que se notam porque o autor, talvez consciente, talvez inconscientemente, se aproveita do romance para fazer dele um repositório de figuras e factos soltos, que poder-se-ia quizesse, com acerto, isolar em contos. Veja-se, por exemplo, o capítulo, ou sub-capítulo, em que nos é contada a história e os feitos milagrosos de *Ti Adão*, um curandeiro de larga audácia entre os povos de S. Catarina. Outra coisa que Salim Miguel poderia ter feito era redozir a descrição de certas cenas que, por alongadas, perdem vigor e perdem a vitalidade que naturalmente teriam se narradas mais incisivamente.

O que vive competentemente neste romance — que sem dúvida

alguma e mau grado as reticências postas, tem imensa vida — são os problemas daquele povo de pescadores, do povo da aldeia de Ganchos lutando contra a fome e a miséria, e, por causa delas, contra a rotina e os velhos processos de reacção (quase submissão) aos inimigos que se lhe opõem na existência gregária.

Ganchos é uma vila pobre de pescadores pobres. Um dia vê diante de si dois problemas, um de sempre, e outro moderno. Aldeia parada, rotineira, é chamada a uma realidade que a obriga a agir rápida e eficientemente ou então a deixar-se morrer em poucos esticados dias. E reage. Contra o primeiro problema, os patrões proprietários dos barcos, reage com a união dos pescadores para uma melhor divisão do peixe; contra o segundo problema, a incursão de barcos motorizados e bem apetrechados das cidades vizinhas nas águas onde os pescadores de ganchos se abasteciam, reage muito simplesmente inutilizando as redes dos intrusos.

Os problemas que afectaram Ganchos — e que Ganchos soube vencer — não são novos. No nosso Douro, por exemplo, deu-se o mesmo em relação aos ribeirinhos que viviam do transporte de mercadoria em barcos rabeos quando apareceram os comboios, fazendo o mesmo serviço mais barato e com mais rapidez. O problema não é novo, mas Salim Miguel soube dar-lhe uma estrutura e uma solução que se nos mostra certa e absolutamente humana. Talvez a figura de Leopoldo seja um pouco convencional, talvez o «discurso» de Juventino no fim da obra seja um tanto empolado para ser feito, sem preparação prévia, por um pescador rude e quase analfabeto, talvez um crítico exigente, daqueles que começam a analisar um livro pela gramática e acabam nos botões dum personagem que são descritos como se fossem azuis devendo ser vermelhos, encontre grandes erros no livro. Nós, aparte as reticências postas sobre a existência de algumas passagens julgadas prescindíveis, vimos em "*Rêde*" uma obra humana e exacta até ao ponto das suas soluções. Gostámos do livro, gostámos da visão que Salim Miguel nos deu dum povo em luta contra um estado de coisas miserável por culpa desse mesmo povo. Vimos em "*Rêde*" a obra dum autor que pode continuar — puindo algumas das arestas que tem — a linha de grandes romancistas

Continua na pág. 4

NÓS E O MUNDO

MAURA DE SENNA PEREIRA

RÊDE

Em vez da crônica habitual, damos, hoje, nesta coluna, a parte final do primeiro capítulo de "Rêde", de Salim Miguel, jovem e vigoroso ficcionista de Santa Catarina. "Rêde", que traz uma bela capa de Edgard Roetz e conta as lutas e os problemas dos pescadores da vila catarinense de Ganchos, é romance, ou romance-reportagem, em que o autor está presente com frequência, como está presente nas páginas de "Xarqueada", romance que conquistou, merecidamente, o Prêmio Felipe de Oliveira, o grande e audaz Pedro Wayne. Em "Rêde", os fatos se desenrolam durante toda uma semana, de terça a terça-feira, e o que segue é a continuação da manhã dramática do primeiro dia:

"Meio dia.

A vida continuava. Indiferente ao drama a se desenrolar diante dela. Meio dia.

Os poucos alunos, na escola, saíam rumo a suas casas. As donas de casa punham a mesa. Lavadeiras batiam as últimas peças de roupa, e estendiam-nas na grama verde-amarelada. Os homens, nos botecos, bebiam um último trago, sem coragem para enfrentar a mulher e os filhos. Em grupos, aos magotes marchavam aos poucos se reduzindo, ficando cada qual nos seus lares, até que o último também sumia num porção carcomido ou numa palhoça.

Meio dia.

Almôço, fome, reclamações, recriminações que nada resolvem, choro de crianças.

Meio dia.

Depois igual, monótona a tarde cai lentamente, se repetindo. A noite se aproxima. Calor. Um vento leve principia a soprar, aumenta, vem do mar um chamado aos homens. O tempo muda. Gradativamente. Escurece. Todos se recolhem. Nuvens erráticas, pardacentas, escuras, as mesmas do amanhecer voltam, cobrem o céu, correm, se aglomeram num e noutro canto da vila, prenunciando mau tempo. Agora anoiteceu. Nada se vê. Um fundo de salento domina os homens. Em algumas casas, raras luzes brilham para o repasto noturno, luxo de bem poucos lares. Na maioria um café ralo tapeia a barriga e ilude a fome. Cedo, oito horas, o mais tardar, todos se recolhem, vão para a cama, esperando para amanhã alguma modificação, sonhando, fazendo planos irrealizáveis, bem sabem eles. Que poderão esperar nas condições atuais?

Não há luz elétrica, não há água encanada, não há esgoto. Não existem estradas, a escola é precária, mais ainda o ensino ministrado, não há médico, a farmácia nada tem, tratam-se com chás e mezinhas. As pessoas vivem isoladas, distanciadas das cousas, até elas os jornais chegam com um atraso de dias, semanas, mesmo assim pouco representando, pois o número dos que sabem ler é insignificante. O primeiro rádio a bateria foi um espanto considerado por muitos arte do tnhoso. Os mais velhos temiam aproximar-se, outros procuravam descobrir o truque. Sentem-se longe do mundo, esquecidos, solitários, abandonados, vivendo uma vida meio selvagem. Reagem na maior parte das vezes instintivamente, não raciocinam, seus sentimentos são virgens e limitados, as necessidades poucas. Com o mínimo concebível se satisfazem. Mas até este mínimo, sem o qual é impossível viver-se humanamente, se bem que não lá de maneira muito decente, agora lhes falta. E ficam desorientados. Só um pensamento os domina: — Ali viviam sem prejudicar ninguém, sem pedir nada a ninguém, por que os vieram importunar?

Toda a ligação com o mundo exterior, tão fascinante mas tão perigoso, os intimida e confunde. Gostariam de ficar ali, entregues a si mesmos, às suas histórias, ao seu meio de vida, não ter que entrar em contacto com o restante da humanidade. Mas embora nada lhes dê, o mundo bastante exige deles. E não os deixa em paz. Vive interferindo, direta ou indiretamente, por intermédio dos filhos da terra que se foram por algum tempo e que agora de novo arralgados ali não conseguem esquecer a vida que levaram, ou por intermédio dos estranhos que os visitam e deles exigem participação. Parcela do mundo, estão começando a ver isto, precisam participar, influir. Ninguém e de mais ou de menos, todos têm a sua razão de ser, a sua importância.

Dormem, agora, toda a vila dorme, enquanto a chuva desaba com violência e varre a face da terra e o mar. Grossos pingos tombam, tamborilam na água e na areia. E o vento fustiga tudo, furioso".

Livros & Cultura 9:

**SALIM MIGUEL (4):
REDE — UM ROMANCE**

Publicado pelas Edições Sul, de Florianópolis, em 1955, este é o único romance até hoje publicado pelo autor.

Um prólogo de caráter científico, em que estão minuciosamente delineadas as características geográfico-sociais, parece prevenir que o autor assume posição definidamente realista. No entanto, esclarece que "não vamos fazer história pura, ou pura reportagem verídica, nos atendo apenas e tão somente ao estritamente acontecido, ou quem sabe se acontecido". E também ao final, um curto posfácio novamente trata a presença ativa do autor, esclarecendo que este incidente narrado não é esporádico, e que ele continuará, no futuro, a acompanhar o desenrolar da vida nessa comunidade.

A narrativa desenrola-se em Ganchos — na época distrito de Biguaçu, hoje município de Governador Celso Ramos. No prólogo esclarece que a localidade foi povoada por açorianos, sendo a população quase exclusivamente composta "de pescadores, sendo o peixe a principal e praticamente única ocupação dos homens". A vida ali desenvolve-se quase "em estado primitivo".

A narrativa, que é, afinal, uma novela, constitui um corte vertical no desenvolvimento da vida nessa localidade, narrando um episódio ocorrido na mesma. Aparentemente é muito volumoso (291 páginas, em formato grande e letra compacta) para prolongar-se tanto em preparar a eclosão do episódio.

Toda a novela se esforça em pintar um quadro vivo e realista da vida dos pescadores de "Canto de Ganchos" — um lugar que "poderia muito bem ser considerado uma prisão" (p. 37). Ali a vida dos incultos e pobres pescadores é realmente uma vida ingrata, de extrema miséria e sem perspectivas para o futuro. Há realismo vivo na pintura: "Crianças descalças, quase nuas, comidas pelos vermes, com panças enormes, corriam, gritavam, deitavam-se na areia, chapinhavam na água, indiferentes ao frio e ao que se passava em redor. Mulheres prematuramente envelhecidas, com filhos pequenos ao colo, ralhando e cuidando dos mais velhinhos..." (p. 22). A vida de todos depende do mar: "O peixe ali era a vida do distrito, da população, representando tudo" (p. 23).

Mas, o pescador mesmo, aquele que arriscava sua vida (e quantos morriam) para capturar o peixe, esse muitas vezes não conseguia nem peixe para comer, pois "A divisão do pescado era em três partes: uma para o dono da lancha, outra para a lancha e rede, quer dizer, ainda para o dono, a terceira então para ser dividida entre os companheiros" (p. 24). E a população chega a ponto de não mais suportar essa exploração. É o ponto nevrálgico da novela.

Forma-se um grupo, liderado por Leopoldo, para mudar a situação, reivindicar direitos. Mas, o trabalho não seria fácil: "Como transformar em pouco tempo costumes de séculos, arraigados profundamente em muitos deles, fazendo parte da personalidade deles, tendo nascido com eles, herança de antepassados?"

A esse grupo reacionário vem juntar-se a necessidade de outra defesa: a invasão de pescadores de Santos, em "grandes barcos a motor, com geladeiras, com grandes e modernas traíneiras". Forma-se, então, um segundo grupo: o de "seu" Jango, dono de lancha que, dirigido por Lola, tenta reunir as pessoas de sua confiança para prepararem plano de luta contra os invasores.

Basicamente, a história toda gira em torno desses dois grupos e respectivos planos que, afinal, são deflagrados. O autor preocupa-se em armar lenta e minuciosamente as situações. A preocupação não consiste em trazer muita ação. Esta, afinal, é até pouca

O que pretende é delinear e colorir um quadro minucioso da vida monótona, triste, incolor e sem perspectivas dos habitantes dessa colônia de pesca. Por isso a história avança lentamente. A ação é movimentada apenas algumas vezes, quando fatos novos vêm quebrar a rotina: a invasão dos barcos motorizados, o ataque clandestino aos mesmos, a sessão de ilusionismo dos dois artistas, a festa de São Miguel e o movimento reivindicatório dos pescadores por maior participação na divisão do pescado.

Muitas são as personagens envolvidas e cada uma delas tem sua vida, seu passado. E o que retarda o andamento da história é a atitude do autor que, ao surgimento de cada nova personagem, refaz a vida pregressa da mesma, quase que um enxerto. Exemplo típico é o que acontece nas páginas 211 a 221, em que o autor repete literalmente, o conto "Ti Adão", de ALGUMA GENTE. A página 248 se insere o germe de outro conto, recentemente publicado em ASSIM ESCRIVEM OS CATARINENSES, sob o título "Presença do Diabo". Quando da aparição em cena das outras personagens, há micro-narrativas semelhantes para reconstituir o passado: do aposentado Justino de Júlia, dona da pensão; do "cabeça" do grupo, Leopoldo; da professora decepcionada com o "paraíso da natureza"; do "seu" Jango; de Lola, o "guia" de Jango; da frustrada e desiludida professora Leonor; do "chefão" Demerval, etc..

Para "romancear" a pintura de toda essa situação aflitiva e miserável da localidade, entremeiam-se os amores de Godofredo e Lurdes que, de românticos passam ao cru realismo e o ilusório amor da professora Leonor por um dos artistas de ilusionismo. Mas, há pouco lugar para amores e sentimentalismos. O autor pencha muito mais para o enfoque da nua realidade. Esse realismo levado até o naturalismo, revela-se até mesmo na caracterização de personagens, como de Leonor: "O rosto é bem feito, com uns olhos castanhos e grandes, boca bem rasgada, lábios sensuais e grossos, toda a conformação fisionômica denotando restos de sangue negro na linhagem. Transpira, de toda ela, envolvendo-a como num alo, uma chama de desejo, de volúpia, de animal jovem e insatisfeito" (p. 116).

O tom geral da novela é agressivo, combativo, de compromisso, ao tomar visivelmente o partido dos explorados. Não é narrativa alienada. Pelo contrário, evidencia nítida consciência social, conhecimento da problemática comunitária e defesa dos explorados. Levantase o problema já em atitude de denúncia, realizando o novelista o desígnio proposto por Sartre de "desvelar o mundo e singularmente o homem aos outros homens para que estes tomem, em face do objeto assim desnudado, a sua inteira responsabilidade". Portanto, o escritor coloca-se aqui a serviço da comunidade, da sociedade, engajando-se, comprometendo-se combativamente em favor de um processo de mudança, de correção de injustiças, assumindo que "a literatura é essencialmente tomada de posição", de acordo com a teoria do compromisso.

E o final da novela é otimista: após a luta reivindicatória, traz novamente "vida, movimento, alegria, fé, confiança" (p. 289), devido ao "milagre que é dos homens unidos". E, todos conscientes, descortina-se uma esperança futura: "A noite cerra-se sobre a vila; porém sobre uma outra vila, uma vila onde os homens descobrirão o que podem realizar desde que unidos, uma vila onde os homens descobrirão que pode existir uma outra vida que não aquela deles só de miséria, uma vila de luta e decisão, mais uma vila de esperança" (290).

REDE é, pois, um romance (ou novela) engajado, compromissado, que prega e realiza uma tese. E, afinal, é preciso reconhecer o fôlego narrativo de Salim.

LAURO JUNKES

- M. M. de) B869.3
Preparar-se desde já (Petit, G.) 512.6
Preparatório ginásial de latim, O (Cunha, B. R. da) 478
Primeiras alegrias (Fedin, K. A.) 891.73
Princesa Raio de Sol, A (Mil e uma noites) 087.1
Princesinha Coração de Pérola, A (Fleury L. G.) 087.1
Principais processos de organização e direção (Seckler-Hudson, C.) 351.1
Príncipe dos pés pequenos, O (Fleury R. S.) 087.1
Frisoneira da noite (Brito, L. L. C. de C.) B869.3
Prisma (Pinheiro, F.) B869.1
Problemas de psicopatologia da infância e da adolescência (Garcia, J. A.) 613.8
Problemas do sindicalismo (Leonelli, D.) 331.88
Problemas usual de desenho linear geométrico (Braga, T. J. da S.) 744
Processos técnicos da compilação bibliográfica (Doria, I. de M.) 010
Profeta das selvas, O (Hagedorn, H.) 926
Profissioграфия do administrador, A (Mira y Lopez, E.) 351.1
Pronomes oblíquos, Os (Luz Filho, F.) 469.5
Prova de carga da ponte sobre o rio das Antas (Smith, D. O.) 620.1
Provisão no cheque, A (Guimarães, M. H. de B.) 347
Prudente de Moraes (Fleury, R. S.) 923
Psicologia da criança (Césari, P.) 136.7
Quando a consciência fala (Petit, G.) 612.6
Quando se ama (Petit, G.) 612.6
Que sabe você sobre petróleo? (Fonseca, G. da) 553.2
Queda, (A) 087.1
Queda de um titã, A (Gouzenko, I.) 891.73
Quem sou e o que penso (Shaw, G. B.) 928
Química biológica (Deulofeu, V., e Marenzi, A. D.) 612
Quinze anos depois (Fonseca, A. P. da) B869.3
Raça africana, A (Querino, M.) 326
Raças humanas, As (Vallois, H. V.) 572
Raimundo Correia estudante (Val, W. R. do) 928
Rainha do rádio, A (Leal, I. S.) B869.3
Raposa e a onça, A (Pizarro, M. de L. G.) 087.1
Ratinho herói, O (Sandra) 087.1
Redação oficial e o clube agrícola (Placer, X.) 469.82
Rede (Miguel, S.) B869.3
Reencarnação, A (Kloppenburger, B.) 133.9
Registros públicos (Almeida, F. H. M. de) 347.8
Reinações de Narizinho (Lobato, J. B. M.) 087.1
Relações humanas nas empresas modernas (Johnson, R. W.) 351.1
Relações públicas no governo municipal (Mill, L. C.) 352
Relatório (Brasil, I. B. B. D.) 010
Repólio e couve-flor (Camargo, L. de S.) 634
Restituição do dote no direito romano, A (Nóbrega, V. L. da) 349
Retrato, O (Verissimo, E.) B869.3
Retrato de Dorian Gray, O (Wilde, O.) 823
Revista Brasileira de Filologia, 400
Robinson Crusoe (Defoe, D.) 087.1
Romance francês a partir de 1900, O (Lalou, R.) 840.9
Romeu e Julieta (Shakespeare, W.) 822
Roteiro de Israel (Rêgo, J. L. do) 915.6
Ruptura da barragem da Pampulha, A (Vargas, N.) 627.8
Sacrificada (Brame, S. M.) 813
Sinhacos (Siqueira, S. N. de) B869.3
Santa Marta Fabril (Almeida, A. P. de) B869.2
São Paulo no limiar do seu quinto século (Michalsky, D., e Schischmidt, J.) 918.1
Secretário moderno (Silva, J. T. da) 651.7
Segredo dos elétrons, O (Bendick, J.) 541.2
Segundo Congresso de Editores e Livreiros do Brasil (C. E. L. B., 2, São Paulo, 1954) 655
Seis contos (Silva B. S. da C. e) B869.3
Seleção escolar (Santos M. de M.) 469.8
Sempre há uma esperança (Bowman, J.) 813
Senhora dona Sancha (Rosato M. G.) 087.1
Serões de dona Benta (Lobato, J. B. M.) 087.1
Serviço humano (Maugham, W. S.) 823
- Sete anões, Os (Disney, W.) 087.1
Sexualidade, A (Gallien, L.) 612.6
Silêncio do mar, O (Vercoors) 543
Sinopse de direito romano (Sciaccia, G.) 349
Síntaxe de concordância (Góis, O.) 469.5
Situação nacional, A (Mangabeira, O.) 354.81
Sob o signo de Israel (Kreutz, I. J.) 087.1
Sobra do mar, A (Damata, G.) B869.3
Socialismo, O (Amaral, A. C. O., do) 335
Sol sobre vidracha (Maciel, A.) B869.1
Sombra do arco-íris, A (Sousa, J. O. de M. e) B869.3
Soneto da buquinagem (Andrade, C. D. de) B869.1
Sono do monstro, O (Andrade, T. C. de) B869.1
Sorte em amor (Ruck, B.) 813
Sózinha/ (Arde, H.) 843
Sublime obsessão (Douglas, L. O.) 813
Tabela Price (Menezes, F. de C.) 511
Técnica, a arte e o humano, A (Andrade, A. M.) 720
Técnica de administração municipal (A. S. A. M.) 363
Técnica odontológica (Carvalho, A. D. de) 617.6
Tenho o direito de agradecer? (Petit, G.) 612.6
Teoria da análise sintática (Lima, C. H. da R.) 469.3
Teoria das funções municipais (Silva, B.) 332
Teoria do processo civil (Monteiro, J.) 357
Teoria e pesquisa em sociologia (Pierson, D.) 301
Terra da luz (Lima, F.) B869.1
Terra gaúcha (Lopes Neto, J. S.) 931.44
Teu coração e seus segredos (Petit, G.) 612.6
Teu corpo e teu amor (Petit, G.) 612.6
Toda a poesia (Almeida, G. de) B869.1
Trabalho na justiça, O (Alvarenga, T. de V.) 337
Trabalhos manuais como disciplina escolar (Kuss, I.) 371.428
Tragédia de Sacco e Vanzetti, A (Fast, H. M.) 813
Tragédia caboclas (Barros Junior, F. de) B869.3
Transfiguração (Bomfim, P.) B869.1
Tratado de direito civil (Gonçalves, L. da C.) 347
Três estudos de história (Silva, A.) 921
Três gatinhos órfãos, Os (Disney, W.) 087.1
Três histórias na praia (Dourado, W. A.) B869.3
Trêvo de quatro folhas (Galeno, O. M. S.) B869.3
Tribuna parlamentar (Barbosa, R.) 328.81
Trópico 030
Um brasileiro em Paris (Ivo, L.) B869.1
Um coração entre flores (Tribby, T.) 843
Um método terapêutico adotado no tratamento do Pênfilo foliáceo (Souza, L. R. de) 616
Um pouco além do mundo (Reis, N.) B869.1
Uma estranha mulher (Cronin, A. J.) 823
Uma introdução à ciência das finanças (Baleeiro, A.) 333
Uma vida como outras. (Azevedo, H. S. C. de) B869.3
Umbanda (Braga, L.) 133.9
Una generación distraída (Sánchez-Sáez, B.) 860.9
Vamos estudar? (Santos, T. M.) 372
Vamos estudar? Cartilha (Santos, T. M.) 469.8
Variações (Melo, J. D. de) B869.3
Velho e o mar, O (Hemingway, E.) 813
Vendedora de romance, A (Ames, J.) 813
Versos de ontem e de hoje (Acalaba, C.) B869.1
Viagem maravilhosa de Gulliver (Swift, J.) 087.1
Viagem pelo Brasil (Pena, M. S.) 469.8
Viagens maravilhosas de Joãozinho e Zézinho (Pereira, J. R.) 087.1
Vicente de Carvalho (Donato, H.) 928
Vida alegre (Araújo, H. A.) B869.3
Vida do botânico Martinus, A (Sommer, F.) 925
Vida e morte do bandeirante (Machado, J. de A.) 931
Vida emotiva (Portela, J.) B869.1
Vida que prezamos A (Trueblood, D. E.) 330
Vidas de mulheres célebres (Schnittkind, H. T.) 920
Vingança de João-de-barro, A (Fleury, R. S.) 087.1
Visconde de Mauá O (Gomes, A.) 087.1
Voz desconhecida A (Piczki, A.) B869.1
Vultos nacionais (Valladár, A.) 920
World-language of to-day The (Jensen, A. K.) 428
Xô nassarinho (Medeiros, G. M. de) 087.1
Zé Prequeté (Morse, A. de P.) 087.1

Em quarta edição, em tôdas as livrarias, o monumental e patriótico livro de GONDIM DA FONSECA QUE SABE VOCÊ SOBRE PETRÓLEO?

GALENO, Cândida Maria Santiago [e outros] — Trevo de quatro folhas [por] Cândida Maria Santiago Galeno, Otilia Franklin Nivea Leite, Elisabeth Barbosa Monteiro. Fortaleza, Ed. da Rev. Jangada da Ala Feminina [1955] 255p. il. ret. 24cm.

LEAL, Isa Silveira — A rainha do rádio [S. Paulo] Ed. Saraiva [1955] 157p. 19cm. (Col. rosa, 60) Cr\$ 20,00.

MARTINS, Ivan Pedro de 1914- Do campo e da cidade. [Contos] Rio de Janeiro, Ed. Lux, 1955. 231p. 22cm. Cr\$ 70,00.

MIGUEL, Salim — Rede. Romance. Capa de Edgar Koetz. Des. de Carlos Scliar. Florianópolis, Ed. Sul, 1955. 291p. 24cm. (Ed. Sul, VI) PINTO, João de Barros, 1919- A jangada. Romance. Prêmio "Fábio Prado". S. Paulo, Ed. Saraiva, 1955. 197p. 22cm. (Col. romances do Brasil, v. 7) Cr\$ 60,00.

ROCHA, Beatriz — O parque de diversões. [Rio de Janeiro] Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação [1955] 61p. 22cm. (Os novos)

ROCHA, Jones, 1928-1953 — A décima praga. [Rio de Janeiro] Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação [1955] 147p. 22cm. (Os novos)

SALGADO, Plínio, 1895- O cavaleiro de Itararé. Romance. [Primeiro tomo] S. Paulo, Ed. das Américas [1955] 456p. enc. 20cm. Cr\$ 100,00. — [2.º tomo. A voz do oeste] [1955] 414p. Cr\$ 100,00 (Obras completas de... v. 13, 14)

SALGADO, Plínio, 1895- O esperado. Romance. S. Paulo, Ed. das Américas [1955] 400p. enc. 20cm. (Obras completas de... v. 12) Cr\$ 100,00.

SILVA, Benedito Salomom da Costa e — Seis contos. Belo Horizonte, Ed. do autor, 1955. 69p. il. 24cm. Cr\$ 30,00.

SIQUEIRA, Samuel Nóbrega de, 1905- Sinações. Contos. S. Paulo, Liv. Martins [1955] 149p. 20cm. Cr\$ 60,00.

SOUSA, Júlio César de Melo e 1895- A sombra do arco-íris [por] Malba Tahan [pseud.] 1.º vol. II. de Calmon Barreto e Solon Botelho. 8.ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1955. 256p. 21cm. Cr\$ 50,00. — 2.º vol. p. 257-497. Cr\$ 50,00.

TAHAN, Malba, pseud. — ver — Sousa, Júlio César de Melo e.

VASCONCELOS, José Mauro de — Arraia de fogo, Rio de Janeiro, Ed. Mérito [1955] 337p. enc. 21cm. Cr\$ 100,00.

VERISSIMO, ERICO. 1905- O retrato. 3.ed. Porto Alegre, Ed. Blobo [1955] 594p. 23cm. (O tempo e o vento, II) Cr\$ 140,00.

B869.4/B869.8 — LITERATURA BRASILEIRA. CRÔNICAS, DISCURSOS, ENSAIOS, CONFERÊNCIAS

ALENCAR, José de, 1820-1877 — Como e porque sou romancista. Salvador, Liv. Progresso, 1955. 72p. 16cm. (Ensaio, sér. miniatura, n. 31) Cr\$ 25,00 (CD B869.4)

CASCUDO, Luis da Câmara, 1899- Em Sergipe Del Rey Aracaju, Ed. do Movimento Cultural de Sergipe [1955?] 106p. il. 21cm. (M.C.S. v. IV) (CD B869.8)

GARCIA, Othon Moacyr — Esfinge clara. Palavra-puxa-palavra de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro, Liv. São José, 1955. 78p. 19cm. Cr\$ 30,00 (CD B869.4)

LESSA, Elsie — Armazém da lua. (Crônicas) [Rio de Janeiro, Ed.] Lux [1955?] 207p. 22cm. Cr\$ 60,00 (CD B869.8)

MELO, José Domingues de — Variações. [Pref. de Maria Luísa Melo Sá] Maceió, Casa Ramalho 1955. 56p. 23cm. (CD B869.8)

MIRANDA José Dácio Afonso 1923- org — Pequena antologia de alunos da Faculdade de Direito de Niterói. [Rio de Janeiro, Jornal do Comércio] Niterói: Centro Acadêmico Evaristo da Veiga 1955 90p. 19cm. Cr\$ 15,00 (CD B869.8)

MONTELLO Josué, 1907- Artur Azevedo e a arte do conto Conferência pronunciada na Academia Brasileira a 29 de setembro de 1955. Rio de Janeiro, Liv. São José, 1956. 71p. 19cm. Cr\$ 30,00 (CD B869.4)

MOREYRA Alvaro 1838- O dia nos olhos. [Rio de Janeiro Ed.] Lux [1955?] 240p. 23cm. Cr\$ 100,00 (CD B869.8)

XAVIER, Lindolfo, 1876- Pioneiros e semeadores. Rio de Janeiro, José Konfino, 1956. 118p. est. ret. 19cm. (Cadernos de memórias, I) Cr\$ 30,00 (CD B869.4)

871 — LITERATURA LATINA. POESIA

VERGILIO MARO, Públio, 70-19 a.C. — Os mais belos versos de Vergílio. Texto latino anotado pelo pe. dr. Bernardo H. Harmsen C.M. Petrópolis Ed. Vozes, 1955. 144p. 23cm. (Col. Clássicos Vozes, sér. latina, V) Cr\$ 25,00.

891.83 — LITERATURA RUSSA. ROMANCE

FEDIN, Konstantin Aleksandrovich, 1892- Primeiras alegrias. [Trad. de Luiz Pap. Capa de Percy Deane] Rio de Janeiro [Ed. Vitória] 1955. 405p. 19cm. (Col. romances do povo, v. XV) Cr\$ 60,00.

GORKI, Maksim, 1868-1936 — O espião. Trad. de Milton Tavares, Salvador, Liv. Progresso, 1955. 377p. 19cm. (As grandes obras da literatura universal, 2) Cr\$ 80,00.

GOUZENKO, Igor, 1915- A queda de um titã. (Novela) [The fall of a titan] Trad. de João Ferreira de Albuquerque. Rio de Janeiro, Ed. Ipanema, 1955. 415p. 25cm. Cr\$ 100,00.

TURGENEV, Ivan Sergeevich, 1818-1883 — Fumaça [por] Ivan Turgenev. Trad. de Ondina Ferreira. [S. Paulo] Ed. Saraiva 1955. 189p. 22cm. (Col. arco-íris, v. 8) Cr\$ 50,00.

894.3 — LITERATURA FINLANDESA. ROMANCE

WALTARI, Mika Toimi 1908- O anjo negro. [The dark angel] Trad. de José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro, Ed. Mérito [1955] 370p. enc. 21cm. Cr\$ 100,00.

WALTARI, Mika Toimi, 1908- O aventureiro. Romance. [Mikael Karvajalka. The adventurer] Trad. de José Geraldo Vieira. 3.ed. Rio de Janeiro, Ed. Mérito [1955] 451p. enc. 21cm. Cr\$ 100,00.

WALTARI, Mika Toimi, 1908- O egípcio. (Romance) [Simuhe egyptilainen. The egyptian] Trad. de José Geraldo Vieira. 9.ed. Rio de Janeiro, Ed. Mérito [1955] 656p. enc. 21cm. Cr\$ 120,00.

900/919 — HISTÓRIA EM GERAL. GEOGRAFIA E VIAGENS

BATALHA, José A. — História geral. Terceira série ginásial... por... Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves [1955] 173p. il. map. cart. 18cm. (Col. de livros didáticos — F.T.D.) Cr\$ 30,00 (CD 909)

Boletim da
Biblioteca do Exército
RQITO Rio, out. 1956 - n. 23
ano 17



PRESENÇA DA PROVÍNCIA

- A Secretaria de Educação do Governo do Rio Grande do Sul mantém uma revista infantil de excelente qualidade. Chama-se Cacique.

Pois bem, Cacique vai dar um número especial dedicado a Santos Dumont, o qual será distribuído por todo o Brasil por iniciativa e diligência da Comissão das Comemorações do "Ano de Santos Dumont".

- A revista Sul, que se edita em Florianópolis, reflete a animação e o nível do ambiente intelectual daquela cidade.

Sul já tem 8 anos de existência e chega ao número 26, sob a direção de Aníbal Nunes Pires e Salim Miguel.

Desdobramento das atividades da revista Sul são as edições que lança, entre as quais está, por exemplo, o romance "Rêde", de Salim Miguel.